

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DIRETORIA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

IVONE TORRES DE MORAIS

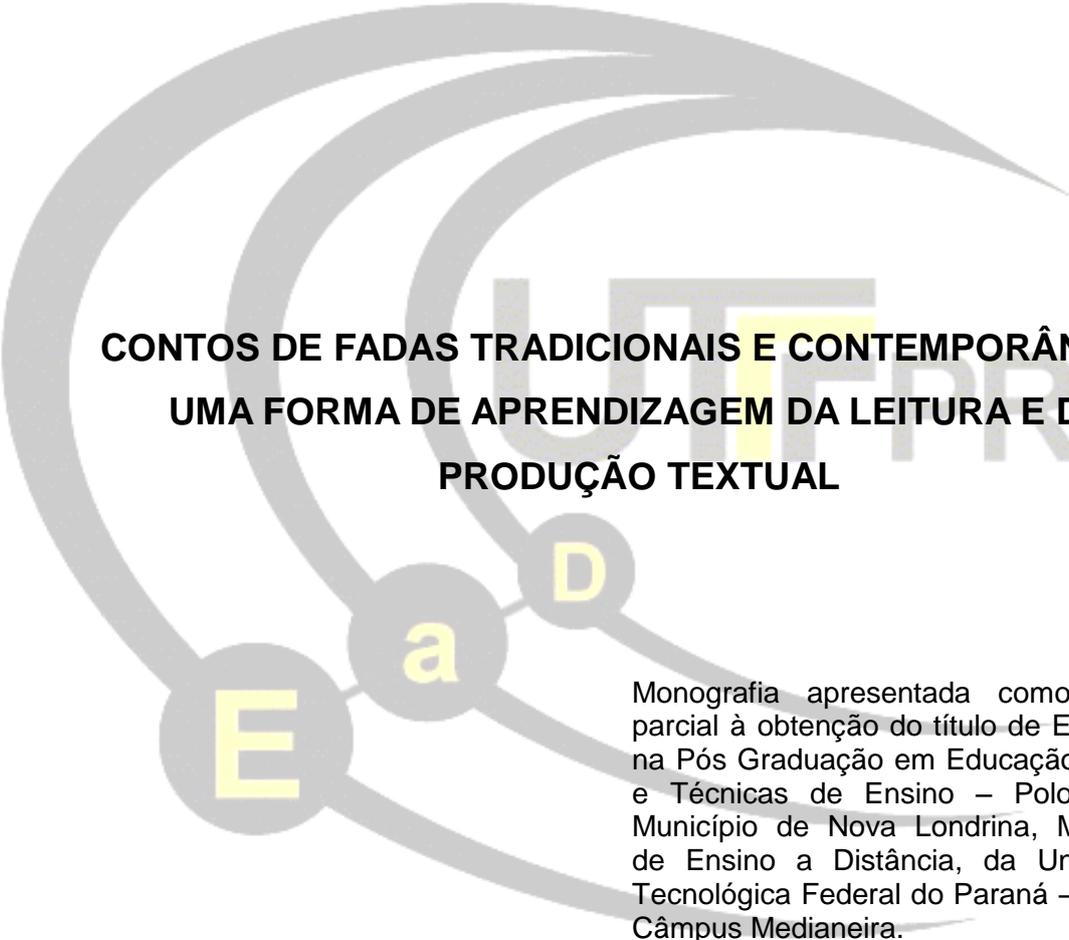
**CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS:
UMA FORMA DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA
PRODUÇÃO TEXTUAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

IVONE TORRES DE MORAIS



**CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS:
UMA FORMA DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA
PRODUÇÃO TEXTUAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Nelson dos Santos.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS: UMA FORMA DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL

Por

Ivone Torres de Moraes

Esta monografia foi apresentada às **9:10** do dia **18 de outubro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Nelson dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof^a Flóida M. R. C. Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Evandro André Konopatzki
UTFPR – Câmpus Medianeira

A Deus, dedico o meu agradecimento maior, porque tem sido tudo em minha vida e está sempre presente em nossa vida como amor, também na natureza, e no próximo e que nos transmite a luz da sabedoria e nos fortalece no dia a dia e principalmente nos obstáculos da nossa caminhada terrestre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A meu pai (in memoriam), minha mãe e minha irmã, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (Paulo Freire)

RESUMO

IVONE TORRES DE MORAIS. Contos de Fadas Tradicionais e contemporâneos: uma forma de aprendizagem da leitura e da produção textual. 2013. número de folhas. Monografia - Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática contos de fadas com o propósito de explorar leitura, interpretação e produção de textos com este gênero textual nas formas tradicionais e contemporâneos, e seguiu o procedimento metodológico em Sequência Didática. O exercício da leitura desses textos objetivou desenvolver o gosto pela leitura de obras literárias em alunos que, de uma forma ou de outra, ainda não adquiriram o hábito de ler. A contribuição dos contos de fadas tradicionais e contemporâneos, colocados em situação de confronto temporal, pôde auxiliar esses alunos a compreenderem a complexa relação existente entre realidade e fantasia na organização textual, mas que pode ser tomada como parâmetro para análise e reflexão de posicionamentos humanos. Assim, a leitura analítica desses contos possibilitou conduzir os educandos a um processo de reflexão, e posterior produção de textos da mesma natureza, considerando a diversidade, os dilemas internos e a superação das dificuldades que envolveram esses textos. Ainda, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, as atividades envolvidas proporcionaram aos alunos a capacidade para compreender, refletir, interpretar, realizar atividades utilizando exercícios gramaticais de forma contextualizada, argumentar e produzir textos com conhecimento de mundo e contextualização.

Palavras-chave: Reflexão. Contos de fadas. Produção. Contextualização.

ABSTRACT

IVONE TORRES DE MORAIS. Traditional and contemporary tales of Fairies: A way of learning reading and text production. 2013. Número de folhas. Monografia - Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as thematic fairy tales in order to explore reading interpretation and production of texts in the genre traditional fairy tales and contemporary, and followed the methodological procedure in Teaching Sequence. The exercise of reading these texts aimed to develop a taste for reading literary works in which students in one way or another, have not yet acquired the habit of reading. The contribution of traditional fairy tales and contemporary, put at showdown time, could help these students understand the complex relationship between reality and fantasy in the textual organization, but it can be taken as a parameter for analysis and reflection of human placements. Thus, analytical reading these tales allowed the students to lead a process of reflection and subsequent production of texts of the same kind, considering the diversity, internal dilemmas and overcome the difficulties surrounding these texts. Still, during the development of the research, provided the activities involved in students the ability to understand, reflect, interpret, perform activities using grammar exercises in context to argue and produce texts with world knowledge and context of each student.

Keywords: fairy tales; reflection; production; contextualization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADA NAS PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO	10
2.2	LEITURA E INTERPRETAÇÃO	13
2.3	LEITURA DE CONTOS DE FADAS	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
3.1	LOCAL E PÚBLICO DA PESQUISA	20
3.2	TIPO DE PESQUISA	21
3.3	COLETA DE DADOS	23
3.4	ANÁLISE DOS DADOS	25
4	RESULTADO E DISCUSSÃO	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXOS	34

1 INTRODUÇÃO

Considerando a existência de ambientes familiares desfavoráveis para o desenvolvimento da leitura e, nem sempre na escola os alunos possuem o hábito de ler além da pouca participação que eles exercem na leitura de texto, tudo isso pode causar nos educandos dificuldade para a formação do gosto e do hábito da leitura e, conseqüentemente, na interpretação textual.

Esta dificuldade tem diversas motivações nem sempre detectadas objetivamente, mas podem conduzir o educador a procurar minimizá-las, se reunir condições didáticas e instrumentais para essa tarefa.

O professor da Educação Básica encontra-se atualmente diante de algumas situações caracterizadamente problemáticas em relação à prática docente, especialmente quando trabalha com a língua portuguesa e a leitura de textos, literários .

Um dos problemas que envolve as atividades em sala de aula é a dificuldade que ainda persiste nos alunos da Educação Básica na área da leitura e da interpretação dos textos apresentados para análise.

Diante disso, o objetivo geral estabelecido para essa pesquisa foi o de compreender as variáveis que envolvem a aprendizagem da leitura e da produção textual no ensino básico. Os objetivos específicos foram: demonstrar formas de utilização de contos tradicionais e contemporâneos, considerando as diferenças temporais e sua contextualização, possibilitando aos alunos leitura e reflexão; demonstrar que a prática da leitura é atividade prioritária para o trabalho de compreensão e construção de textos e considerar as diferenças temporais e a contextualização nos textos lidos como elementos fundamentais para a sua compreensão.

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, as atividades envolvidas propostas pretenderam desenvolver nos alunos a capacidade para compreender, refletir, interpretar, argumentar e produzir textos com conhecimento de mundo e contextualização. Ainda contempla atividades escritas interpretativas e comparativas de textos e filmes, e apresentação das personagens dos contos contemporâneos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADA NAS PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO

As histórias tradicionais destinadas ao público infanto-juvenil não remetem à vida real, e sim a possibilidades de acontecimentos. Além disso, apresentam personagens que não perdem a esperança na busca da solução para seus problemas, mas que dependem de um elemento maravilhoso, geralmente uma fada ou um duende, para enfrentar os impasses que surgem ao longo de sua vida.

Entretanto, ao longo do tempo, houve a necessidade de se produzir narrativas que retratassem os problemas da época sob uma ótica mais realista. Os duendes e fadas deram espaço a personagens reais, que são os protagonistas da sua própria história. Eles deixam de ser mais passivos para serem mais ativos, porque solucionam seus problemas sem depender de um elemento maravilhoso para que os problemas ou as complicações de suas vidas aconteçam.

As temáticas apresentadas nas novas narrativas ultrapassam as questões afetivas, existenciais e econômicas. Elas abrangem problemas sociais como o preconceito, seja ele de ordem física, racial ou outro, as relações familiares e amorosas, as drogas, enfim, problemas que atingem a sociedade e a população atual.

A leitura é uma das formas com que o cidadão concorre para a sua inserção na sociedade desenvolvida. A educação, enquanto conjunto de situações envolvendo diferentes maneiras de participação na vida do indivíduo, pode e deve garantir o desenvolvimento de sua personalidade. É o que afirma Bottomore (2001, p. 122):

A educação tem de assegurar o desenvolvimento integral da personalidade. Com a reaproximação da ciência e da produção, o ser humano pode tornar-se um produtor no sentido mais completo. Assim sendo, suas potencialidades podem ser reveladas e desenvolver-se. Todo um universo de necessidades vem à tona nessas condições, ativando o indivíduo em todas as esferas da vida social, inclusive o consumo, o prazer, a criação e o gozo da cultura, a participação na vida social, a interação com os outros seres humanos e a auto-realização (autocriação). A realização desse objetivo exige,

entre outras coisas, a transformação da divisão social do trabalho, tarefa formidável que ainda está apenas nos seus primeiros momentos.

A vida em sociedade pode permitir ao ser humano uma participação maior aos bens de consumo e, dentre eles, a educação como promotora do desenvolvimento individual. Nesse aspecto, a leitura, em todos os níveis, configura-se como elemento indispensável ao crescimento da individualidade e da própria sociedade como um todo, ao possibilitar a participação efetiva do sujeito nas diferentes instâncias da vida.

Nas diversidades metodológicas de cada educador(a) da Educação Básica e com o histórico de aprendizagem no decorrer dos tempos em relação ao ensino, encontra-se nas DCEs parte norteadora do trabalho docente, e para melhor compreensão do conteúdo pelos alunos, em que:

De um ponto de vista histórico da noção de contextualização, deve-se considerar que o confronto entre os contextos sócio-históricos, construído ao longo de uma investigação, é um procedimento metodológico das ciências de referência e das disciplinas escolares. (PARANÁ, 2008, p. 29)

O sujeito como ser social necessita da interação e compreensão do meio em que está inserido, e é através da leitura, reflexão e compreensão que ele se concretiza na vivência com os demais seres:

A contextualização na linguagem, um elemento constitutivo da contextualização sócio histórica e nestas diretrizes, vem marcada por uma concepção teórica fundamentada em Mikhail Bakhtin. Para ele, o contexto sócio-histórico estrutura o interior do diálogo da corrente de comunicação verbal entre os sujeitos históricos e os objetos do conhecimento. Trata-se de um dialogismo que se articula à construção dos acontecimentos e das estruturas sociais, construindo a linguagem de uma comunidade historicamente situada. Nesse sentido, as ações dos sujeitos históricos produzem linguagens que podem levar à compreensão dos confrontos entre conceitos e valores de uma sociedade. (PARANÁ, 2008, p. 30)

Vive-se num contexto histórico de muitas informações, mas a aprendizagem se dá com certa escassez devido à falta de reflexão individual, ou mesmo coletiva. A essa realidade, pode ser associada a escassez de leituras em sala de aula, um aspecto frequente que dificulta não só a prática da reflexão, como a da escrita.

Pensando no desenvolvimento do educando, as Diretrizes Curriculares (PARANÁ, 2008) enfatizam a necessidade do ensino da língua e da literatura como formas de se pensar os diferentes formatos da realidade brasileira:

Refletir sobre o ensino da língua e da literatura implica pensar também as contradições, as diferenças e os paradoxos do quadro complexo da contemporaneidade. Mesmo vivendo numa época denominada *era da informação*, a qual possibilita acesso rápido à leitura de uma gama imensurável de informações, convivemos com o índice crescente de analfabetismo funcional, e os resultados das avaliações educacionais revelam baixo desempenho do aluno em relação à compreensão dos textos que lê. (PARANÁ, 2008, p. 48)

Na complexa realidade nacional, particularmente quanto se toca no assunto da leitura, o envolvimento de pais na construção da educação de seus filhos é fator preponderante para evolução dos adolescentes no âmbito escolar. Nesse aspecto, Perrenoud (2000, p. 120) enfatiza a participação dos pais na formação intelectual de seus filhos.

Há pais que procuram convencer seu filho a ficar em casa, para descansar ou para se cuidar, com tanta convicção quanto outros que persuadem o seu filho a não faltar à escola sob nenhum pretexto. [...] Alguns deles não vêem interesse nos estudos, enquanto outros adoecem à simples ideia de que seu filho poderia não chegar ao ensino superior. Nem todos os pais cooperam da mesma forma para o projeto de instruir seu filho, pensam com a mesma convicção que é “para o seu bem” e que isso justifica que ele passe tantos anos de sua vida em aula.

Cabe, pois, à escola ser responsável pela sistematização do ensino, mas não pode ser a única instância na educação dos jovens, cabendo à família a indução do conhecimento, especialmente em relação à leitura. Embora seja na escola que a criança inicia sua trajetória nas diferentes áreas do conhecimento, os primeiros passos desse empreendimento já se iniciam com a “contação de histórias”, tarefa iniciada primordialmente pela voz da mãe.

Pensando nas condições individuais, a função da escola ganha mais sentido quando Antunes (2009, p. 186) afirma que:

Ganha relevância, portanto, um momento de reflexão como este que pretende focalizar as funções individuais e sociais da leitura. Funções que envolvem, além do acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas [...].

Ao mencionar as funções sociais da leitura, Antunes (2009) não só reforça a presença da escola na existência pessoal dos educandos, mas amplia participação dela na vida em sociedade se considerar-se que a compreensão e a interpretação dos textos que circulam nas diferentes esferas sociais solicitam dos educandos uma

presença efetiva. Assim é no discurso, ou nas diferentes formas de leitura, que se encontram novos horizontes de conhecimento, experiência de vida, como enfatizam as Diretrizes Curriculares (2008), ao evidenciarem o aspecto dialógico da leitura:

Esse processo implica uma resposta do leitor ao que lê, é dialógico, acontece num tempo e num espaço. No ato de leitura, um texto leva a outro e orienta para uma política de singularização do leitor que, convocado pelo texto, participa da elaboração dos significados, confrontando-o com o próprio saber, com a sua experiência de vida. (PARANÁ, 2008, p. 57)

2.2 LEITURA E INTERPRETAÇÃO

É através da linguagem verbal que o homem mais se expressa e se comunica e registrando-a pelo código escrito conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual ou social, com isso,

A ampliação do conhecimento que daí decorre permite-lhe compreender melhor o presente e seu papel como sujeito histórico. O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. (AGUIAR & BORDIN, 1988, p.10)

Com a leitura é que se obtém novas ideias e concepções, reflexões e conclusões, informações sobre o homem e o mundo em que está inserido, a história dos grupos sobre o mundo, o planeta, o universo.

Entende-se, portanto, que a leitura possibilita ao leitor, caso específico do educando, sua interação nesse diálogo ininterrupto entre o sujeito e os diversos papéis que lhe são atribuídos na construção da sociedade, onde os valores humanos são respeitados. Assim,

Ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas ou dos planos e projetos em andamento. (ANTUNES, 2009, p. 195)

Ainda, a leitura do mundo que cada ser faz depende do conhecimento do

mesmo diante dos acontecimentos e discursos presentes na vida deste ser humano, devido a linguagem e realidade caminham juntas na formação de um leitor crítico por isso;

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Como a leitura permite o acesso a diferentes situações da vida em sociedade, o processo comunicativo deve realizar-se em complexa sintonia entre sujeito e seus propósitos, inserindo-se nos contextos de suas necessidades e desejos. A formulação verbal deve ser inserida em contextos da atuação do sujeito, como afirma Antunes (2009, p. 209),

Com efeito, escrever é, simultaneamente, inserir-se num contexto qualquer de atuação social e pontuar nesse contexto uma forma particular de interação verbal. Daí que, além das determinações do sistema linguístico, a interação verbal por meio da escrita está sujeita também às determinações dos contextos socioculturais em que essa atividade acontece.

O indivíduo como ser social, necessita compreender e se fazer compreendido, construir e ser construído, e é pelo discurso, pela linguagem, pela palavra e na escrita que o sujeito interage nas diversas relações sociais e ainda se transforma como cidadão atuante no contexto histórico presente em sua realidade.

É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIIN, 2010, p. 42)

Toda sociedade se organiza por práticas sociais, essa organização é diferente de lugar para lugar; cultura para cultura, de época histórica para época histórica é o fazer história em cada contexto social em que se vive.

Pela linguagem, os seres humanos interagem uns com os outros, em diferentes esferas da comunicação social. Nessas esferas da comunicação humana, os gêneros do discurso ou gêneros textuais são elaborados no cotidiano, como na literatura, na religião, na mídia, no comércio, no saber científico, na escola. Portanto:

[...] os gêneros textuais já estão circulando na sociedade antes que o

homem faça uso desse instrumento. Os gêneros são construções sociais históricas, como tudo o que é criado pelo homem e que, apesar de configurarem as ações humanas em qualquer contexto/discurso, não são instrumentos estanques, enrijecedores da ação criativa do homem, são maleáveis, dinâmicos, transformam-se e se adaptam às necessidades e atividades sociais e culturais. (SANTOS & RITTER, 2005, p.13)

Com o ingresso da cultura eletrônica surgiram novos gêneros textuais, a conversação cotidiana ou mesmo o uso do telefone se transformou no uso do e-mail na cultura escrita e nas relações sociais entre as pessoas. Então, como afirmam Santos & Riter (2005), quanto ao uso dos gêneros novos, eles possuem identidade própria, e ainda instauram novas relações interpessoais, e novas relações entre a oralidade e a escrita, e que possibilitam novos ângulos de observação e de aprendizagem.

Acrescente-se, ainda, com relação aos gêneros, e consoante ao pensamento de Bakthin (2010), que se concentra no gênero todo e qualquer processo de transmissão, mais especificamente sob as formas de narrativas, processos legais, polêmica, dentre outras maneiras da representação do pensamento humano.

As Diretrizes de Língua Portuguesa traz consigo aspectos didáticos educativos como a tabela de gêneros conforme as esferas de circulação para auxiliar o trabalho do professor no desenvolver das aulas de língua materna.

Os gêneros textuais constituem grande heterogeneidade, incluindo desde o diálogo cotidiano à tese científica, os gêneros não são estáticos, estão sujeitos a mudanças juntamente com as transformações sociais, alguns deles caem em desuso, outros vão surgindo conforme as necessidades e adaptações da sociedade.

Desta forma, em termos Bakhtinianos, um gênero pode ser assim caracterizado:

- * São tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca: os gêneros possuem uma forma de composição um plano composicional;

- * Além do plano composicional, distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo;

- * Trata-se de entidades escolhidas tendo em vista as esferas de necessidade temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor. (KOCH, 2009, p. 54)

A partir do ensino dos gêneros, que é considerada uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores, por consequência aos seus educandos, com a diversidade de textos que auxilia na intervenção de formadores na escrita de textos variados, os educadores desenvolvem uma didática específica, onde:

A situação escolar apresenta uma particularidade: nela se opera uma espécie de desdobramento que faz com que o gênero deixe de ser apenas ferramenta de comunicação, passando a ser, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem. (KOCH ,2009, p. 56)

Os comentários sobre gênero encontrado no capítulo 12 cujo título “A escrita de textos na escola: de olho na diversidade”, inserido no livro **Língua, texto e ensino**: outra escola possível, apresenta também conceitos de gêneros textuais que contribuem para esta reflexão:

Os gêneros constituem modelos específicos de textos diferentes entre si, mas essas diferenças são, umas mais, outras menos, controladas pelas convenções sociais. Os gêneros põem em evidência a complexidade da constituição dos textos: são multiformes e simultaneamente, prototípicos, em atenção mesmo a natureza convencional das instituições sociais em que acontecem. (ANTUNES, 2009, p. 211- 212)

2.3 LEITURA DE CONTOS DE FADAS

Neste trabalho o interesse recai, portanto, sobre o gênero textual contos de fadas, tanto os tradicionais quanto os contemporâneos, onde é possível encontrar algumas situações narrativas com que o leitor pode reconhecer suas emoções. Para que a estória prenda a atenção do leitor deve entretê-lo, despertar curiosidade, estimular-lhe a imaginação: desenvolver seu intelecto, tornar clara suas emoções; reconhecer suas emoções e sugerir soluções aos seus problemas, promover a confiança nele mesmo e no seu futuro.

O leitor, não adulto, encontra este tipo de significado nos contos de fadas o encorajamento que alivia as pressões vividas juntamente com a formação pessoal e lutas interiores. O gênero conto foi escolhido devido seu caráter educativo, pois em um conto podemos encontrar elementos essenciais para o crescimento intelectual, moral e ético do aluno. Em cada conto o aluno pode se divertir e educar, pode desenvolver suas habilidades de leitura em língua portuguesa, compreensão e interpretação, pode aprimorar-se como cidadão crítico capaz de mudar sua prática e a do outro.

Entendendo que o gênero conto pode trazer para a sala de aula várias reflexões, envolvendo situações do dia a dia e temas necessários na formação plena

da cidadania de alunos do ensino fundamental é que se tornou relevante a escolha de tal gênero como objeto de estudo deste trabalho. Percebe-se ainda o conto como um grande aliado para leitores em formação, isto é, crianças, pré-adolescentes e jovens em idade escolar.

É característica do conto de fadas a existência de um dilema de forma breve e categórica. Isto permite ao leitor aprender o problema. Geralmente nos contos de fadas o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e suas ações. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. Nos contos de fadas como na vida, a punição ou o temor dela é um fator de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação mais efetivo, por esta razão nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde e o herói se torna mais atraente ao leitor (infantil). O leitor infantil, identificando-se com o enredo das histórias dos contos de fadas, assume um papel de confiança em si mesmo, já que não se encontra mais sozinho e indefeso, porque encontra no texto respaldo para as suas emoções. Dessa forma, os contos de fadas constituem caminhos para a satisfação de necessidades reais, mesmo tratando-se de textos ficcionais. É o que menciona Bettelheim (2006, p.20, 21):

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas dependendo de seus interesses e necessidades do momento.

Os contos de fadas surgiram em época em que a religiosidade constituía-se de grande importância na vida das pessoas refletindo no pensamento e nas atitudes e no caráter delas, como afirma Bettelheim (2006, p. 21) que os contos de fadas também apresentam motivos religiosos como muitas histórias bíblicas. Então, as associações conscientes e inconscientes que o ouvinte faz com as histórias depende da lembrança e das preocupações pessoais trazidas pelo ouvinte.

Não se pode desconsiderar o valor formativo e educacional contido nos contos. Os contos abordam acontecimentos conhecidos da realidade externa, do desenrolar dos fatos que foram sendo registrados nas comunidades e que explicam, em parte, como se efetivaram as realizações culturais dos grupos humanos, como se estabeleceram os grupos étnicos, como se definiram as nações. Ou seja, falam

da realidade interior na construção das diferentes culturas, de como se constituíram as estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos.

Segundo Bettelheim (2006), os contos de fadas dirigem a criança para o auxílio e a descoberta de sua identidade e comunicação e ainda sugerem experiências para desenvolver o seu caráter. A partir do que um conto específico implicava acerca de desesperos, esperanças e métodos do homem para vencer tribulações, a criança poderia descobrir não só um caminho para fora de sua desgraça, mas também um caminho para se encontrar, como fazia o herói da estória.

A relação entre ficção e realidade pode mostrar que, nos contos de fadas, a crença na magia pode auxiliar o jovem a ser mais confiante no mundo em que vive, o que nem sempre acontece com crianças que não tiveram a experiência dos momentos mágicos vivenciados pela fantasia dos enredos dos contos de fadas, situação que não os prepara enfrentar os rigores da vida adulta. (BETTELHEIM, 2006, p. 65) é enfático ao sugerir a relação entre realidade e fantasia para o comportamento humano.

Muitos jovens que hoje em dia subitamente buscam fuga em sonhos induzidos por drogas, ou aderindo a algum guru, acreditando em astrologia, engajando-se na prática da “magia negra” ou que de alguma outra maneira buscam escapar da realidade em devaneios sobre experiências mágicas que deverão mudar suas vidas para melhor, foram prematuramente pressionadas a encarar a realidade de uma forma adulta. Traduzindo em termos de comportamento humano, quanto mais segura uma pessoa se sente dentro do mundo, tanto necessitará refugiar-se em projeções “infantis” [...] e tanto mais pode-se permitir buscar interpretações racionais. (BETTELHEIM, 2006, p. 65)

Para Bettelheim (2006), os contos de fadas tradicionais alimentavam a imaginação e estimulavam a fantasia, os contos de fadas contemporâneos são amesquinçados e simplificados, roubam todo o significado profundo, principalmente as versões como as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia.

Por isso, este gênero foi trabalhado com alunos das séries finais, pois os mesmos já passaram da fase da fantasia por serem já adolescentes e estarem em outra fase, mais madura, e já serem capazes de realizar críticas e comparações com os contos de fadas tradicionais e o contemporâneo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O professor da Educação Básica encontra-se atualmente diante de algumas situações problemáticas em relação à prática docente, especialmente quando trabalha com ensino de Língua Portuguesa e a leitura de textos literários ou não literários, o que demanda a necessidade de se buscar alternativas metodológicas que permitam a esse professor que trabalham com o Ensino Fundamental opções como tentativa para transformar o quadro geral sobre a leitura.

Uma das constantes situações que envolvem a prática da leitura em sala de aula é a dificuldade que ainda persiste nos alunos da Educação Básica quanto ao desinteresse pelo ato de ler, ainda mais quando o texto indicado para análise exige uma atitude reflexiva.

Esta dificuldade é motivada por diversas situações nem sempre detectadas objetivamente, mas que podem conduzir o educador a procurar minimizá-las, se reunir condições didáticas e instrumentais para essa tarefa.

Então, diante dessa realidade observada e constatada nos alunos, houve necessidade da apresentação do gênero Contos de Fadas tradicionais mediante questionamentos e discussão onde foi possível perceber o conhecimento dos alunos sobre o gênero, a partir do que, depois, pôde desenvolver leituras e atividades para posteriormente trabalhar Contos de Fadas contemporâneos com filmes, leituras, atividades comparativas com o atual e o antigo, que ocorreu no desenvolvimento do estudo e pesquisa com a turma até o final com a produção individual de cada aluno.

3.1 LOCAL E PÚBLICO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual, na Vila Vitória, na cidade de Loanda, em uma turma considerada pequena com dezesseis alunos, 9º ano, do período Matutino, do Ensino fundamental, com uma carga horária de 32 aulas na qual ocorreu no percurso de quase um bimestre do primeiro semestre do ano letivo.

3.2 TIPO DE PESQUISA

É necessário conceituar método qualitativo, para poder se ter ideia da dimensão teórico-prática do caminho a ser seguido. Diversos autores apresentam conceitos sobre o método de pesquisa qualitativa, conforme se pode observar abaixo:

Pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao seu foco, envolvendo abordagens interpretativas e naturalísticas dos assuntos. Isto significa que o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos, segundo o significado que as pessoas lhe atribuem. (DENZIN & LINCOLN, 1994, p.2).

“O processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados de forma neutra” (BOGDAN & BIKLEN, 1999, p.51)

Lüdke e André (1986, p.13) fazem uma discussão sobre a pesquisa em educação, dentro de uma vertente qualitativa e apresentam duas formas de se fazer pesquisa nessa área. Segundo as autoras, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso “vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola”.

Dentro desta concepção, voltada à estrutura social do fenômeno, o método qualitativo se preocupa com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde ao universo mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Triviños (1987, p. 128-130), quando trata desse tema, apresenta as contribuições de Bogdan que indica as seguintes características para a pesquisa qualitativa, semelhantes às apresentadas por Moreira (op. cit.); ambas se complementam:

- 1ª) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.
- 2ª) A pesquisa qualitativa é descritiva.
- 3ª) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
- 4ª) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.

5ª) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Acreditando ser de melhor assimilação e aprendizagem em sala de aula para o aluno, optou-se nesta pesquisa por essa teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD) para trabalhar com a leitura, a interpretação e finalmente a produção de textos.

Este trabalho de leitura, interpretação e produção de texto seguiu o procedimento metodológico em Sequência Didática com um gênero textual Contos de Fadas (tradicionais e contemporâneos). A SD originariamente foi introduzida pelos pesquisadores de um grupo de Genebra, sendo definida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Os autores acima desenvolveram uma proposta que engloba aspectos relevantes na construção/ interiorização da escrita processual e exige não um trabalho maçante em volta do texto, mas um conjunto amplo de atividades que visem o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objetos de ensino.

Então, uma Sequência Didática pode ser definida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um determinado gênero textual” que tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor o gênero trabalhado. (Schneuwly e Dolz 2004, p. 97)

Ainda, na explicação dos estudiosos, a sequência didática como conjunto de atividades escolares em torno de um gênero textual é concluída com uma produção final deste gênero trabalhado , então:

A sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Essa produção permite, também, ao professor realizar uma avaliação somativa.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 106).

Também, na sequência é explicada a procedência do trabalho em sequência didática embasada em um gênero textual que está presente em nosso meio na convivência entre as pessoas com o objetivo de melhorar a leitura e a escrita.

Os autores mencionados nos comentários anteriores apresentam a estrutura de uma Sequência Didática através de passos que devem ser seguidos para um resultado mais eficaz quanto seu desenvolvido em sala de aula.

A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos: **apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final**, como demonstra o esquema abaixo (cf. Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 98):

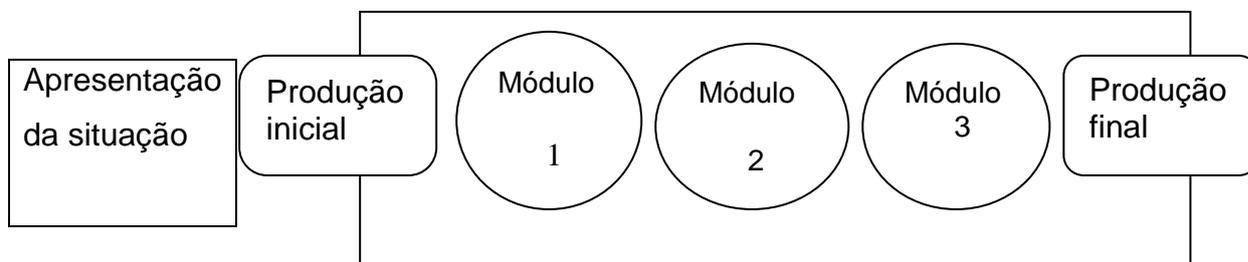


Gráfico 1 : Esquema da sequência didática
 Fonte : (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

O trabalho a partir da perspectiva da SD oferece a maior clareza e conscientização do processo no qual os alunos estão inseridos, dando possibilidade de entenderem a língua em consonância com sua constituição social. Sobretudo, sua elaboração e aplicação, no trabalho com Sequência Didática apontou, principalmente, para a possibilidade de, no contexto de ensino de línguas, agregar a realização de um estudo linguístico centrado, nas dimensões textuais da expressão oral e escrita a uma proposta reflexiva de ensino.

3.3 COLETA DOS DADOS

Para a apresentação do trabalho que foi desenvolvido com a turma, realizou-se uma investigação em relação ao conhecimento que os alunos possuíam sobre contos de fadas tradicionais e, a partir daí, ampliou-se o conhecimento dos alunos com os contos de fadas contemporâneos.

Ao iniciar com este gênero, houve uma conversa informal sobre os contos de fadas que eles já conheciam como: **Branca de Neve e os sete anões; A Cinderela; Rapunzel; A Bela e a Fera; Chapeuzinho Vermelho; A Bela Adormecida**. Ainda se fizeram necessárias reflexões coletivas e anotações classificatórias com as características de cada personagem, história de vida delas, a convivência delas com as pessoas que as cercam, as dificuldades e superação na vida das personagens protagonistas, as qualidades e os defeitos nas atitudes que aparecem junto das

personagens no decorrer de cada história. Convém destacar, também, o que essas atitudes e acontecimentos das personagens das estórias têm em comum com a história de vida de cada aluno da turma e a convivência deles com as pessoas no seu cotidiano, realizaram uma produção textual da experiência de vida de cada um e leitura da mesma para interação dos mesmos.

Em um outro momento, argumentou-se com a turma, por questionamentos, os contos de fadas contemporâneos, e a docente observou o conhecimento prévio dos alunos a respeito do assunto a ser abordado com eles. Em seguida, foram introduzidos outros gêneros textuais correspondentes aos contos de fadas contemporâneos. E foram exercitadas com a turma leituras e entonações individuais e coletivas do gênero contos de fadas tradicionais e contemporâneos, com textos em prosa, obra teatral e filme, a reflexão ocorreu pela diversidade de gêneros apresentados.

A docente também realizou com a turma algumas leituras individuais e coletivas de contos de fadas tradicionais já mencionados acima, e os contemporâneos como: *Chapeuzinho amarelo*, de *Chico Buarque de Holanda*; *Chapeuzinho Vermelho de Raiva*, de *Mário Prata*; *Capítulo Zero e Meio*, de *Pedro Bandeira*; obra teatral *O Fantástico Mistério de Feiurinha* – de *Pedro Bandeira*, também, comparando-os com o filme baseado na obra de *Pedro Bandeira*, a fim de que houvesse um processo de reflexão pela diversidade dos gêneros apresentados. Nesse aspecto, a observação recaiu sobre a presença dos discursos direto e indireto, as particularidades das personagens, a comparação entre tradicional e contemporâneo, além das respectivas transformações sofridas pelas personagens envolvidas nos enredos. Foi trabalhado também o gênero biografia dos escritores acima como pesquisa em grupo e apresentação aos colegas da turma.

Nas aulas posteriores, o trabalho envolveu atividades que abrangeram tanto a escrita quanto a oralidade. Foram trabalhadas questões linguísticas e de leitura, e não foi percebida grande dificuldade no acompanhamento e no desenvolvimento das atividades por parte dos alunos.

Desenvolveram-se, neste trabalho, como reflexão, as classes gramaticais e conseqüentemente a realização de atividades utilizando exercícios gramaticais de forma contextualizada com substantivos e algumas classificações como: coletivos, números, grau; e contemplou também os adjetivos que aparecem abundantemente

nos contos de fadas e acompanham os substantivos. Foram vistos também os adjetivos pátrios e locução adjetiva.

E, para finalizar o trabalho com gênero contos de fadas, fez-se necessária a construção individual de um texto referente ao tema estudado, mas deveria ser contemporâneo e as produções foram criativas e com criticidade. A participação foi de todos os alunos da turma, mesmo os que não estavam tão envolvidos na realização das atividades acabaram surpreendendo na produção.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Ao desenvolver este trabalho que seguiu o procedimento metodológico em Sequência Didática com um gênero textual Contos de Fadas (tradicionais e contemporâneos), houve necessidade de um momento de discussão inicial com os Contos de Fadas tradicionais para ativar os conhecimentos prévios dos alunos com questões escritas respondidas em duplas, em seguida leitura de um texto sobre os contos de fadas, a origem, os primeiros autores, autores estrangeiros e brasileiro. Ainda, nesta sondagem os alunos trabalharam o significado de algumas palavras que aparecem muito nos contos tradicionais e realizaram atividade em grupo com desenhos de um conto tradicional representando os conflitos, características físicas e psicológicas das personagens, nessas atividades em grupo alguns alunos participaram mais, outros menos.

Em um outro momento trabalhamos o histórico dos contos tradicionais, a forma e características deste gênero e fizemos a leitura reflexiva de um conto tradicional observando esses detalhes mencionados acima em seguida foi resolvido atividades de interpretação escritas do texto.

Ainda trabalhando contos tradicionais, vimos um texto com fragmentos de quatro contos tradicionais Branca de Neve e os sete anões; A Cinderela; Chapeuzinho Vermelho e A Bela Adormecida, leitura, atividades escrita de interpretação e identificação das personagens, colocar título no texto, as atividades foram fáceis, pois a maioria dos alunos conheciam as personagens e as respectivas histórias, com alguns casos de alunos que não conheciam uma ou outra história.

Passando para as histórias contemporâneas fizemos a leitura do texto poético *Chapeuzinho Amarelo*, de *Chico Buarque de Holanda*, em seguida foi realizada atividades interpretativas e comparativas com *Chapeuzinho Vermelho*, e ainda foi trabalhado o texto - diálogo *Chapeuzinho Vermelho de Raiva*, de *Mário Prata*; em paralelo com as leituras e atividades escritas, realizamos leitura coletiva com a *O Fantástico Mistério de Feiurinha* – de Pedro Bandeira, no gênero teatro, onde relata acontecimentos entre as princesas dos contos de fadas tradicionais, porém contemporâneo, esta atividade de leitura foi bem participativa com os alunos que gostaram de fazer as vozes de diferentes personagens dialogando entre si e ocorreu várias aulas para o término da leitura coletiva da obra.

Nas dimensões textuais da expressão oral e escrita em proposta reflexiva dos contos de ensino, trabalhamos o gênero biografia e os alunos realizaram pesquisas biográficas da vida de *Mário Prata*, *Pedro Bandeira* e *Chico Buarque de Holanda*, no decorrer da pesquisa os alunos demonstraram dificuldade na execução do trabalho, mas depois compreenderam e realizaram a atividade e depois de terminada a pesquisa apresentaram aos colegas da turma a biografia.

Ao término dos textos e o filme trabalhou-se a parte gramatical: substantivos, adjetivos e locução adjetiva em mais algumas aulas e finalmente retorna-se aos contos contemporâneos com o filme “*Deu a Louca na Branca de Neve*”, e chegado o momento final da construção final de uma história baseada nos contos contemporâneos os alunos construíram seus textos individualmente.

Dessa forma, é importante salientar que, em cada uma das partes da sequência didática que foi desenvolvida, o diálogo, a conversação, a discussão e leitura visando à compreensão, a aprendizagem e a transformação do aluno, sempre se fizeram presentes, principalmente nos mais engajados no desenvolvimento da pesquisa, mas acabou envolvendo também, de certa forma, os alunos que não apresentaram tanto interesse a princípio do trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o desenvolvimento deste trabalho, pude observar que as atividades envolvidas proporcionaram nos alunos a capacidade para compreender, refletir, interpretar, argumentar e produzir textos com conhecimento de mundo e contextualização de cada educando. Também o envolvimento dos alunos no desenvolvimento das atividades escritas interpretativas e comparativas de textos e filmes, por parte da maioria, ainda a apresentação das personagens e histórias na construção de contos contemporâneos modificadas foi bem criativa baseada nos contos tradicionais e mesmo nos contemporâneos, onde houve participação integral dos alunos da turma destinada a esse trabalho.

Os resultados obtidos com esse Projeto na Escola foram satisfatórios tanto para a professora que desenvolveu a pesquisa como para os alunos, pois eles participaram efetivamente da proposta do uso dos contos de fadas. Os contos de fadas tradicionais e contemporâneos dialogaram entre si estabelecendo visão de mundo diferenciado, o que foi capaz de fazer com que os alunos refletissem sobre os textos e, através disso, os contos permitiram um olhar diferenciado sobre a realidade em que foram construídos.

Os alunos já conheciam alguns contos de fadas tradicionais (uns conheciam mais, outros menos. Já tinham ouvido falar ou tinham lido algum conto). A maioria dos alunos demonstrou interesse e curiosidade diante do trabalho de leitura, interpretação e produção do tema, mas alguns permaneceram apáticos. Durante o trabalho em grupo realizado, houve boa participação dos alunos, as atividades realizadas individualmente não obtiveram o mesmo sucesso, pois havia alunos com pouco desempenho e participação nessas atividades do material impresso (apostilas) e distribuído à turma.

Durante as atividades de leitura e interpretação textual, houve boa participação dos alunos, ocorreu um pouco de dificuldade com o gênero biografia quando realizada a pesquisa, pois os alunos não gostam de ler e para resumir é necessário leitura, eles pensavam que pesquisa seria uma cópia, porém perceberam a necessidade de leitura e escolha das partes mais importantes para a realização da pesquisa.

Os alunos realizaram leitura coletiva do livro em gênero teatro “O fantástico mistério de Feiurinha” - de Pedro Bandeira, houve participação total dos alunos na leitura, pois o gênero teatro envolveu os alunos na leitura fazendo a voz de cada personagem, o que prendeu a atenção deles, depois assistimos ao filme sobre a mesma temática “Xuxa em O mistério de Feiurinha” baseado no livro citado acima, observando, comparando e vendo semelhanças e diferenças entre obra escrita e filme. Depois foi realizado a leitura do texto “Capítulo zero e meio” e atividades interpretativa e comparativa das personagens. E para ampliação do tema contos de fadas foi assistido ao filme “Deu a louca na Branca de Neve” e houve reflexão coletiva com os textos e filme assistido anteriormente.

Na sequência, foi trabalhada, na capacidade Linguístico-Discursiva, a apresentação das dez classes gramaticais e, em seguida, deu-se início aos Substantivos com conceitos e exemplos de Bechara e Giacomozzi, dentre os Substantivos: próprios, comuns, diminutivo, aumentativo, coletivo, plural dos substantivos compostos. Também foram trabalhados os Adjetivos e Locuções Adjetivas com conceitos e exemplos dos gramáticos mencionados acima, foram realizados vários exercícios escritos para melhor assimilação do conteúdo e sanar dúvidas. A participação dos alunos (na maioria) foi intensa e produtiva.

Essa dinâmica propiciou trabalhar com os alunos a gramática de forma contextualizada, pois os alunos eram orientados naquilo que necessitavam para realizar as tarefas propostas.

E finalmente a atividade realizada com produções de texto individuais dentro da temática e bem elaboradas pelos alunos da turma, mesmo por aqueles que não apresentaram muito interesse e desempenho no decorrer das atividades anteriores, mas os mesmos fizeram uma produção com humor e criatividade na parte final desta produção. O que acabou dando um aspecto de ter sido válido o desenvolvimento da pesquisa, pois atingiu a todos os alunos da turma.

Portanto, pôde-se observar que as atividades envolvidas foram proporcionando nos alunos a capacidade para compreender, refletir, interpretar, argumentar e produzir textos com conhecimento de mundo e contextualização de cada educando. Também foi possível constatar o envolvimento dos alunos no desenvolvimento das atividades escritas interpretativas e comparativas de textos e filmes, a princípio pela maioria dos alunos e depois a construção de contos contemporâneos modificados houve a participação integral dos alunos da turma.

Também se pôde perceber que após a apresentação da situação, a construção de texto inicial não ocorreu como a produção final de cada aluno, dando a impressão de que eles não tinham muito o que escrever no enredo da narração e das personagens, faltou imaginação e criatividade a princípio, mas no desenvolver das atividades e na produção final os textos, as construções textuais ficaram mais longas e as histórias com mais criatividade nas personagens e nos enredos desenvolvidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio da pesquisa realizada podem ser considerados positivos e satisfatórios, tanto para a professora que desenvolveu a pesquisa como para os alunos envolvidos, pois os alunos envolvidos participaram efetivamente da proposta do uso dos contos de fadas. Os contos de fadas tradicionais e contemporâneos dialogaram entre si estabelecendo visão de mundo diferenciada, o que fez com que os alunos refletissem sobre os textos. Dessa forma, os contos permitiram um olhar diferenciado sobre a realidade em que foram construídos.

Neste projeto, o procedimento realizado enfatizou a leitura de contos de fadas tradicionais e contemporâneos, na tentativa de que, com o confronto entre textos de diferentes épocas, o aluno se sentisse motivado pela leitura de obras literárias, em que o grau de complexidade fosse gradativamente oferecido como desafio ao ato de ler, embora o exercício da leitura interpretativa também fosse oferecido através de textos fílmicos, em que a mesma temática dos contos de fadas foi desenvolvida com os recursos de outro gênero textual.

O procedimento metodológico utilizado e desenvolvido nesta pesquisa foi sequência didática que é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um determinado gênero textual” que tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor o gênero trabalhado, também engloba aspectos relevantes na construção e interiorização da escrita processual e exige não um trabalho maçante em volta do texto, mas um conjunto amplo de atividades que visem o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objetos de ensino.

Ainda é importante salientar que, em cada uma das partes da sequência didática desenvolvida, o diálogo, a conversação, a discussão e leitura tinham em vista a compreensão, a aprendizagem e a transformação do aluno.

Pelos resultados obtidos com essa sequência, percebeu-se que grande parte dos alunos assimilou melhor o gênero trabalhado, ou seja, a construção do texto final desse gênero se tornou realidade, fato esse verificado pela participação total dos alunos da turma no trabalho final que foi a construção do texto no gênero contos

de fadas contemporâneos.

É importante destacar também que, ainda que não tenha havido a participação maciça de todos os alunos nas atividades iniciais com o gênero trabalhado, todos realizaram a atividade proposta no final da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. de; BORDINI, M. da G. **Literatura. A formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, M. M. (Volochinov) . **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Trad. de Arlene Caetano. 20. ed. Rio de Janeiro : Paz e terra, 2006.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. - **Handbook of qualitative research**. Tradução: Claudinei José Gomes Campos. London: Sage Publication, 1994, p. 2.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/ Cortez, 1989. Disponível em:

<educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/.../importancia_ato_ler/pdf>. Acesso em 01/07/2014.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. - **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, E.P.U., 1986.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da Educação Básica: língua portuguesa**. Curitiba: Seed, 2008.

PERRENOUD, P. **Novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap.1.

SANTOS, A. R. dos e RITTER, L. C. B. (org.) **O trabalho com a escrita no Ensino Fundamental**, Maringá: EDUEM, 2005. EAD Nº 20, Cap. 1.

TRIVIÑOS, A. N. S. - **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

ANEXOS

TEXTO 1

BRANCA DE NEVE
(Irmãos Grimm)

Um dia, a rainha de um reino bem distante bordava perto da janela do castelo, uma grande janela com batentes de ébano, uma madeira escuríssima. Era inverno e nevava muito forte.

A certa altura, a rainha desviou o olhar para admirar os flocos de neve que dançavam no ar; mas com isso se distraiu e furou o dedo com a agulha.

Na neve que tinha caído no beiral da janela pingaram três gotinhas de sangue. O contraste foi tão lindo que a rainha murmurou:

— Pudesse eu ter uma menina branquinha como a neve, corada como sangue e com os cabelos negros como o ébano...

Alguns meses depois, o desejo da rainha foi atendido.

Ela deu à luz uma menina de cabelos bem pretos, pele branca e face rosada. O nome dado à princesinha foi Branca de Neve.

Mas quando nasceu a menina, a rainha morreu. Passado um ano, o rei se casou novamente. Sua esposa era lindíssima, mas muito vaidosa, invejosa e cruel.

Um certo feiticeiro lhe dera um espelho mágico, ao qual todos os dias ela perguntava, com vaidade:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o espelho respondia:

— Em todo o mundo, minha querida rainha, não existe beleza maior.

O tempo passou. Branca de Neve cresceu, a cada ano mais linda...

E um dia o espelho deu outra resposta à rainha.

— A sua enteada, Branca de Neve, é agora a mais bela.

Invejosa e ciumenta, a rainha chamou um de seus guardas e lhe ordenou que levasse a enteada para a mata e lá a matasse. E que trouxesse o coração de Branca de Neve, como prova de que a missão fora cumprida.

O guarda obedeceu. Mas, quando chegou à mata, não teve coragem de enfiar a faca naquela lindíssima jovem inocente que, afinal, nunca fizera mal a ninguém.

Deixou-a fugir. Para enganar a rainha, matou um veado, tirou o coração e entregou-o a ela, que quase explodiu de alegria e satisfação.

Enquanto isso, Branca de Neve fugia, penetrando cada vez mais na mata, ansiosa por se distanciar da madrasta e da morte.

Ao anoitecer, quando já não se aguentava mais em pé de tanto cansaço, Branca de Neve viu numa clareira uma casa bem pequena e entrou para descansar um pouquinho. Olhou em volta e ficou admirada: havia uma mesinha posta com minúsculos sete pratinhos, sete copinhos, sete colherzinhas e sete garfinhos. No cômodo superior estavam alinhadas sete caminhas, com cobertas muito brancas.

Branca de Neve estava com fome e sede. Experimentou, então uma colher da sopa de cada pratinho, tomou um gole do vinho de cada copinho e deitou-se em cada caminha, até encontrar a mais confortável. Nela se ajeitou e dormiu profundamente.

Os donos da casa voltaram tarde da noite; eram sete anões que trabalhavam numa mina de diamantes, dentro da montanha. Logo que entraram, viram que faltava um pouco de sopa nos pratos, que os copos não estavam cheios de vinho...Estranho.

Lá em cima, nas camas, as cobertas estavam mexidas...E na última cama — surpresa maior! — estava adormecida uma linda donzela de cabelos pretos, pele branca como a neve e face vermelha como o sangue.

— Como é linda! — murmuraram em coro.

— E como deve estar cansada — disse um deles —, já que dorme assim.

[...]

Na manhã seguinte, quando despertou, Branca de Neve se viu cercada pelos sete anões barbudinhos e se assustou. Mas eles logo a acalmaram, dizendo-lhe que era muito bem-vinda.

— Como se chama? — perguntaram.

— Branca de Neve.

— Mas como você chegou até aqui, tão longe, no coração da floresta?

Branca de Neve contou tudo. Falou da crueldade da madrasta, da sua ordem para matá-la, [...] .

— Fique aqui, se gostar... — propôs o anão mais velho.

— Você poderia cuidar da casa, enquanto nós estamos na mina, trabalhando. Mas tome cuidado enquanto estiver sozinha. Cedo ou tarde, sua madrasta descobrirá onde você está, e se ela a encontrar... Não deixe que ninguém entre! É mais seguro.

Assim começou uma vida nova para Branca de Neve, uma vida de trabalho.

E a madrasta? Estava feliz, convencida de que beleza de mulher alguma superava a sua.

Mas, um dia, teve por acaso a ideia de interrogar o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o espelho respondeu com voz grave:

— Na mata, na casa dos mineiros, querida rainha, está Branca de Neve, mais bela que nunca!

A rainha entendeu que tinha sido enganada pelo guarda: Branca de Neve ainda vivia! Resolveu agir por si mesma, para que não houvesse no mundo inteiro mulher mais linda do que ela.

Pintou o rosto, colocou um lenço na cabeça e irreconhecível, disfarçada de velha mercadora, procurou pela mata a casinha dos anões. Quando achou, bateu à porta e Branca de Neve, ingenuamente, foi atender.

A malvada ofereceu-lhe suas mercadorias, e a princesa apreciou um lindo cinto colorido.

— Deixe-me ajudá-la a experimentar o cinto. Você ficará com uma cintura fininha, fininha — disse a falsa vendedora, com uma risada irônica e estridente, apertando cada vez mais o cinto.

E apertou tanto, tanto, que Branca de Neve se sentiu sufocada e desmaiou, caindo como morta. A madrasta fugiu.

Pouco depois, chegaram os anões. Assustaram-se ao ver Branca de Neve estirada e imóvel.

O anão mais jovem percebeu o cinto apertado demais e imediatamente o cortou. Branca de Neve voltou a respirar e a cor, aos poucos, começou a voltar a sua face; melhorou e pôde contar o ocorrido.

— Aquela velha vendedora ambulante era a rainha disfarçada — disseram logo os anões.

— Você não deveria tê-la deixado entrar. Agora, seja mais prudente.

Enquanto isso, a perversa rainha, já no castelo, consultava o espelho mágico e se surpreendeu ao ouvi-lo dizer:

— No bosque, na casa dos anões, minha querida rainha, há Branca de Neve, mais bela que nunca.

Seu plano fracassara! Tentaria novamente.

No dia seguinte, Branca de Neve viu chegar uma camponesa de aspecto gentil, que lhe colocou na janela uma apetitosa maçã, sem dizer nada, apenas sorrindo um sorriso desdentado. A princesinha nem suspeitou de que se tratava da madrasta, numa segunda tentativa.

Branca de Neve, ingênua e gulosa, mordeu a maçã. Antes de engolir a primeira mordida, caiu imóvel.

Dessa vez, devia estar morta, pois o socorro dado pelos anões, quando regressaram da mina, nada resolveu.

Não acharam cinto apertado, nem ferimento algum, apenas o corpo caído.

Branca de Neve parecia dormir; estava tão linda que os bons anõezinhos não quiseram enterrá-la.

— Vamos construir um caixão de cristal para a nossa Branca de Neve, assim poderemos admirá-la sempre.

O esquife de cristal foi construído e levado ao topo da montanha. Na tampa, em dourado, escreveram: “Branca de Neve, filha de rei”.

Os anões guardavam o caixão dia e noite, e também os animaizinhos da mata – veadinhos, esquilos e lebres — todos choravam por Branca de Neve.

Lá no castelo, a malvada rainha interrogava o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

A resposta era invariável.

— Em todo o mundo, não existe beleza maior.

[...] Continuava tão linda como enquanto vivia.

Um dia, um jovem príncipe que caçava por ali passou no topo da montanha.

Bastou ver o corpo de Branca de Neve para se apaixonar, apesar de a donzela estar morta. Pediu permissão aos anões para levar consigo o caixão de cristal. Havia tanta paixão, tanta dor e tanto desespero na voz do príncipe, que os anões ficaram comovidos e consentiram.

— Está bem. Nós o ajudaremos a transportá-la para o vale.

Com o caixão nas costas, puseram-se a caminho.

Enquanto desciam por um caminho íngreme, um anão tropeçou numa pedra e quase caiu. Reequilibrou-se a tempo.

O abalo do caixão, porém, fez com que o pedaço da maçã envenenada, que Branca de Neve trazia ainda na boca, caísse. Assim a donzela se reanimou. Abrindo os olhos e suspirando se sentou e, admirada, quis saber:

— O que aconteceu? Onde estou?

O príncipe e os anões, felizes, explicaram tudo.

O príncipe declarou-se a Branca de Neve e pediu-a em casamento. Branca de Neve aceitou, felicíssima.

Foram para o palácio real, onde toda a corte os recebeu.

Foram distribuídos os convites para a cerimônia nupcial. Entre os convidados estava a rainha madrasta — mas ela mal sabia que a noiva era sua enteada. Vestiu-se a megera suntuosamente, pôs muitas joias e, antes de sair, interrogou o espelho mágico:

— Espelho, espelho meu, diga-me se há no mundo mulher mais bela do que eu.

E o fiel espelho:

— No seu reino, a mais bela é você; mas a noiva Branca de Neve é a mais bela do mundo.

Louca de raiva, a rainha saiu apressada para a cerimônia. Lá chegando, ao ver Branca de Neve, sofreu um ataque: o coração explodiu e o corpo estourou, tamanha era sua ira.

Mas os festejos não cessaram um só instante. E os anões, convidados de honra, comeram, cantaram e dançaram três dias e três noites. Depois, retornaram para sua casinha e sua mina, no coração da mata.

TEXTO 2

Vamos ler os resumos abaixo de histórias famosas, colocar um título para este texto e fazer a compreensão textual.

.....

Era uma vez uma linda princesa, que vivia com uma madrasta muito má. A madrasta, com inveja da princesinha, mandou um empregado matar a menina, mas ele a libertou e ela foi para a floresta, onde passou a morar com alguns amigos. A madrasta, então, preparou um veneno, colocou em uma maçã e fingindo ser uma boa velhinha, deu a fruta à princesinha, que a comeu e caiu num sono profundo. Um dia, um príncipe encantado, passando pela floresta, apaixonou-se pela princesa, deu-lhe um beijo e ela acordou. Então, os dois se casaram e viveram felizes para sempre.

Ela era muito bonita, mas como a madrasta a obrigava a fazer toda a limpeza da casa, vivia esfarrapada e suja, tendo por isso um apelido. Um dia, houve um baile no castelo do reino, mas a moça não poderia ir porque não tinha roupas bonitas. Ela chorava de tristeza quando apareceu uma fada e a vestiu lindamente, inclusive com finíssimos sapatinhos de cristal. Mas a fada recomendou que fosse embora do baile à meia-noite, porque todo o encanto acabaria. Ela foi ao baile, dançou com o príncipe e eles se apaixonaram. Quando deu meia-noite, saiu correndo e na escada do castelo perdeu um dos sapatos. O príncipe saiu pelo reino experimentando o sapatinho serviu-lhe perfeitamente. Ela e o príncipe se casaram e viveram felizes para sempre.

Ela era bonita, boa, gentil e caridosa. A fada que não tinha sido convidada para o batizado da menina jogou uma maldição que aos quinze anos ela iria se ferir com o fuso de roca e morreria. Outra fada que não podia cancelar a maldição, rogou que a princesa não morreria, mas dormiria por cem anos até que um príncipe a despertasse com um beijo. Quando a menina completou quinze anos se feriu e dormiu ela e todo o palácio, por cem anos. Um dia, chegou um príncipe, bonito e corajoso quando a viu dormindo ficou deslumbrado com a beleza dela e a beijou. Ela e todo o reino despertara. Eles, se casaram e viveram felizes para sempre!

Ela era uma menina que tinha um apelido. Um dia pegou uma cesta com alimentos e foi levar para uma pessoa da família que morava do outro lado da floresta. No caminho, encontrou um bicho que, descobrindo aonde a menina estava indo, correu por um atalho da floresta, chegou primeiro à casa do parente da menina, devorou-o e colocou as roupas dele. Depois deitou-se na cama e esperou a menina chegar, para devorá-la. Quando chegou, a menina começou a fazer perguntas a quem estava na cama, e percebeu que era uma armadilha. A menina saiu correndo e chamou um caçador. Este matou o bicho e tirou da barriga dele o parente da menina, ainda vivo.

TEXTO 3

CHAPEUZINHO AMARELO

Era a Chapeuzinho Amarelo
 Amarelada de medo.
 Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
 Já não ria.
 Em festa não aparecia.
 Não subia escada
 nem descia.
 Não estava resfriada,
 mas tossia.
 Ouvia conto de fada e estremezia.
 Não brincava mais de nada,
 nem de amarelinha.
 Tinha medo de trovão.
 Minhoca, pra ela, era cobra.
 E nunca apanhava sol,
 porque tinha medo de sombra.
 Não ia pra fora pra não se sujar.
 Não tomava banho pra não descolar.
 Não falava nada pra não engasgar.
 Não ficava em pé com medo de cair.
 Então vivia parada,
 Deitada, mas sem dormir,
 Com medo de pesadelo.

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
 Disponível online em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?>> Acesso em 12/11/2012

TEXTO 4

Chapeuzinho Vermelho de Raiva (Mário Prata)

- Senta aqui mais perto, Chapeuzinho. Fica aqui mais pertinho da vovó, fica.
 - Mas vovó, que olho vermelho... E grandão... Que que houve?
 - Ah, minha netinha, estes olhos estão assim de tanto olhar para você. Aliás, está queimada, heim?
 - Guarujá, vovó. Passei o fim de semana lá. A senhora não me leva a mal, não, mas a senhora está com um nariz tão grande, mas tão grande! Tá tão esquisito, vovó.
 - Ora, Chapéu, é a poluição. Desde que começou a industrialização do bosque que é um Deus nos acuda. Fico o dia todo respirando este ar horrível. Chegue mais perto, minha netinha, chegue.
 - Mas em compensação, antes eu levava mais de duas horas para vir de casa até aqui e agora, com a estrada asfaltada, em menos de quinze minutos chego aqui com a minha moto.
 - Pois é, minha filha. E o que tem aí nesta cesta enorme?
 - Puxa, já ia me esquecendo: a mamãe mandou umas coisas para a senhora. Olha aí: margarina, Helmmans, Danone de frutas e até uns pacotinhos de Knorr, mas é para a senhora comer um só por dia, viu? Lembra da indigestão do carnaval?
 - Se lembro, se lembro...
 - Vovó, sem querer ser chata.
 - Ora, diga.
 - As orelhas. A orelha da senhora está tão grande. E ainda por cima, peluda. Credo, vovó!
 - Ah, mas a culpada é você. São estes discos malucos que você me deu. Onde já se viu fazer música deste tipo? Um horror! Você me desculpe porque foi você que me deu, mas estas guitarras, é guitarra que diz, não é? Pois é; estas guitarras são muito barulhentas. Não há ouvido que aguente, minha filha. Música é a do meu tempo. Aquilo sim, eu e seu finado avô, dançando valsas... Ah, esta juventude está perdida mesmo.
 - Por falar em juventude o cabelo da senhora está um barato, hein? Todo desfiado, pra cima, encaracolado. Que qué isso?
 - Também tenho que entrar na moda, não é, minha filha? Ou você queria que eu fosse domingo ao programa do Chacrinha de coque e com vestido preto com bolinhas brancas?
- Chapeuzinho pula para trás:
- E esta boca imensa???!!!
- A avó pula da cama e coloca as mãos na cintura, brava:
- Escuta aqui, queridinha: você veio aqui hoje para me criticar é?!

TEXTO

Disponível online em <[http:// professorapatriciacosta.blogspot.com/2009/11/chapeuzinho-ver](http://professorapatriciacosta.blogspot.com/2009/11/chapeuzinho-ver)>. Acesso em 13/11/2012

CAPÍTULO ZERO E MEIO

Era uma vez, há muitos anos atrás mais vinte e cinco anos, uma senhora de cabelos negros como o ébano, onde já se começava a aparecer alguns fios brancos como a neve, bem da cor da pele dela, que também era branca como a neve.

O nome da tal senhora era Branca Encantado. Nos tempos de solteira, o sobrenome dela era “De Neve” mas, depois que se casou com o príncipe Encantado, Dona Branca passou a usar o sobrenome do marido.

Dona Branca estava com uma barriga enorme, esperando o seu sétimo filho, para ser afilhado do sétimo anãozinho, que vivia reclamando pelo fato de todos os outros anões já serem padrinhos de filhos de Dona Branca e faltar um para ser afilhado dele. [...]

Feliz com tudo isso, Dona Branca tricotava um casaquinho de lã para o principzinho que ia nascer, sozinha no grande salão do castelo, forrado de mármore cor-de-rosa e veludo vermelho. Os filhos maiores estavam na escola e os menores com as amas. O Príncipe Encantado, como sempre, estava caçando. Foi aí que a grande porta do salão abriu-se e entrou Caio, o laçao, anunciando:

_ Alteza, a Senhorita Vermelho acaba de chegar ao castelo e pede...

_ Chapeuzinho?! _ interrompeu Dona Branca. _ Que ótimo! Peça para ela entrar. Vamos, Caio, rápido!

[...]

Chapeuzinho era a mais solteira das amigas de Dona Branca e uma das poucas que não era princesa. A história dela tinha terminado dizendo que ela ia viver feliz para sempre ao lado da Vovozinha, mas não falava em nenhum príncipe encantado. Por isso, Chapeuzinho ficou solteirona e encalhada ao lado de uma velha cada vez mais caduca.

Com a cestinha pendurada no braço e com o capuz vermelho na cabeça, Dona Chapeuzinho entrou com o laçao atrás. Dona Branca correu para abraçar a amiga.

_ Querida! Há quanto tempo! Como vai a Vovozinha!

_ Branca !

As duas deram-se beijinhos, um numa face e dois na outra, porque o terceiro era para ver se Chapeuzinho desencalhava.

Minha amiga Branca! Por que você tem esses olhos tão grandes?

_ Ora deixa de besteira, Chapéu!

_ Ahn...quer dizer...desculpe, Branca. É que eu sempre me distraio... _ atrapalhou-se toda a Chapeuzinho.

_ Sabe? É que eu estou sempre pensando em minha história. [...]

Dona Chapeuzinho sentou-se confortavelmente, colocou a cestinha ao lado (ela não largava aquela bendita cestinha!) , tirou um sanduíche de mortadela e pôs-se a comer (aliás Dona Chapeuzinho tinha engordado muito desde aquela aventura com o lobo mau).

_ Aceita um brioche? _ ofereceu a comilona, de boca cheia.

_ Não obrigada.

_ Quer uma maçã?

_ Não ! Eu detesto maçã !

Dona Chapeuzinho acabou o lanche e olhou para a amiga com aquele olhar conspirador que as comadres usam quando estão conversando por cima do muro do quintal:

_ Menina , você não imagina o que aconteceu...

Dona Branca arregalou seus olhos negros como o ébano:

_ Aconteceu? O que foi que aconteceu? Ah , vamos, conta logo! Sou doida por uma fofoca. Vai ver foi a sirigaita da Gata que...

_ Branca, Branca! _ Censurou Chapeuzinho, balançando a cabeça. _ Você sabe que Cinderela encantado detesta ser chamada de Gata Borracheira...

_ Ah, deixa pra lá . Continue!

[...]

Pois então vamos ao assunto. Eu falei com a Rapunzel Encantado e ela me disse que o príncipe...

_ Príncipe? Que Príncipe...

_ O Príncipe Encantado. Marido da Rapunzel.

_ Ah...

_ Pois é . O marido da Rapunzel encontrou-se com o príncipe...

_ O príncipe Encantado. Marido da Cinderela.

_ Ah...

A família Encantado tinha fornecido muitos príncipes para casar com as heroínas dos contos de fadas. Por isso, quase todas as princesas tinham o mesmo sobrenome e eram cunhadas entre si . É claro que isso trazia uma confusão.

_ Resumindo: o Príncipe da Rapunzel encontrou-se com o príncipe da Cinderela que tinha passado pelo castelo da Feiurinha

_ A Feiurinha! – exclamou Dona Branca. _ Há quanto tempo eu não vejo a minha querida Feiurinha Encantado...

_ Pois é exatamente essa a fofoca: há muito tempo ninguém vê a Feiurinha !

_ Ela desapareceu?

_ Isso mesmo! [...]

_ Será... será que ela abandonou o marido?

_ E fugiu com outro? Acho difícil. A essa altura não existe mais nenhum Príncipe Encantado solteiro. Eu que o diga! Estou cansada de ser solteirona e aguentar aquela Vovó caduca. Tenho procurado feito louca, mas só encontro príncipe casado...

Dona Branca raciocinou:

_ Então, se Feiurinha desapareceu, isso significa que ela pode estar correndo perigo desde que casamos para sermos felizes para sempre!

_ Menos eu... _ suspirou Dona Chapeuzinho.

Dona Branca jogou para trás os cabelos cor de ébano e tomou uma decisão:

_ Vou convocar uma reunião de todas nós !

_ Boa ideia! Chame os príncipes também !



Questões para refletir sobre o livro “O fantástico mistério de Feiurinha”- de Pedro Bandeira (gênero teatro):

- a) Por que todas as Princesas tinham o mesmo sobrenome?
- b) Qual das heroínas estava sempre comendo?
- c) Por que Chapeuzinho vermelho não era princesa?
- d) Do que Rapunzel reclamou, ao entrar na casa de Dona Branca? Qual era a causa de seu mal?
- e) Por que Dona Branca marcou essa reunião?
- f) Por que as princesas estavam tão preocupadas com o desaparecimento de Feiurinha?
- g) Quem foi incumbido de procurar a pessoa que descobriria Feiurinha? Por que ele foi parar na casa desse autor?



SOBRE O FILME, REFLITAMOS AGORA !!!!

- a) Na sua preferência, qual foi mais compreensível diante de suas expectativas, o filme ou a leitura do livro?
- b) No filme “Xuxa em, o mistério de Feiurinha”, ocorrem conflitos como nos contos tradicionais e contemporâneos, identifique-os e comente.
- c) Feiurinha é um apelido da personagem que aparece no conto contemporâneo e no filme, pode-se associar com “bulling” como no conto tradicional “a Cinderela”? Comente.
- d) Que fato marca o conflito tanto no filme, como na obra e que preocupava as personagens do conto de fadas contemporâneo? Identifique-o e anote sua resposta.
- e) O filme “Xuxa em, o mistério de Feiurinha”, tem final feliz como nos contos de fadas tradicionais? Relate sua reflexão.